



OS SONS E AS CRIAÇÕES CURRICULARES COTIDIANAS NOS 'ESPAÇOSTEMPOS'¹ DAS ESCOLAS E DAS CIDADES NA PANDEMIA

SOUNDS AND CURRICULUM EVERYDAY CREATIONS IN THE 'SPACE-TIMES' OF
SCHOOLS AND CITIES IN THE PANDEMIC

SONIDOS Y CREACIONES CURRICULARES COTIDIANAS EN LOS 'ESPACIO-
TIEMPOS' DE LAS ESCUELAS Y CIUDADES EN LA PANDEMIA

Noale de Oliveira Toja²
Maristela Petry Cerdeira³
Rafaela Rodrigues da Conceição⁴
Roberta Guimarães Teixeira⁵
Talita dos Santos Malheiros Gregorio⁶

Submetido em: 30/07/2023 Aceito em: 12/01/2024 Publicado em: 12/01/2024.

¹ As dicotomias foram criadas como necessidade no surgimento das ciências na Modernidade. Hoje, nas pesquisas com os cotidianos, elas significam limites ao que precisamos 'fazerpensar', com os processos que desenvolvemos. Com isso, decidimos grafar juntos, em itálico e com aspas simples os termos que antes eram dicotomizados (ex. '*prácticateoria*'), bem como os processos que antes pensávamos como sucessivos e que sabemos que são concomitantes (ex. '*verouvirsentirpensar*'), para nos lembrarmos das marcas que temos de nossa formação em '*espaçostempos*' de hegemonias diversas.

² Pós-Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação, Processos Formativos e Desigualdades Sociais pela PPGEDU/FFP-UERJ São Gonçalo. Doutora em Educação e Cotidianos - ProPEd/UERJ. Integrante do GRPesq Currículos Cotidianos, Redes Educativas, Imagens e Sons, ambos coordenados pela Dra. Profa. Nilda Alves. Colabora em projetos de Educomunicação, Arte e Tecnologia. Professora da Faculdade de Formação de Professores - FFP/UERJ São Gonçalo. Bolsa FAPERJ Nota 10. <https://orcid.org/0000-0002-1207-2795>
E-mail ffpuerj.noale@gmail.com - noaletoja22@gmail.com.

³ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ). Mestra em Educação pela UFPR. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e graduada em Licenciatura Plena em Geografia pela UNIVILLE. Integrante do grupo de pesquisa "Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons", coordenado pela professora Nilda Alves/UERJ. E-mail maristelacerdeira@gmail.com

⁴ Doutoranda em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação – Processos Formativos e Desigualdades Sociais (PPG-EDU) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Pedagoga pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Integrante do GrPesq "Currículos cotidianos: redes educativas, imagens e sons" coordenado pela professora Nilda Alves/UERJ. E-mail: prof.rafaelarodrigues@gmail.com

⁵ Doutoranda em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação – Processos Formativos e Desigualdades Sociais (PPG-EDU) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestra em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) Membro do grupo de pesquisa "Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons", coordenado pela professora Nilda Alves/UERJ. E-mail: robegui@gmail.com

⁶ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ). Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ/ProPEd. Licenciada em Educação Artística, com habilitação em História da Arte, pela UERJ. Integrante do GRPesq "Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons", coordenado pela professora Nilda Alves/UERJ. Email: tatalmalheiros@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho traz aprendizados do período da Covid-19, em que estivemos em isolamento social entre os anos de 2020 e 2021. (Re)descobrimos, nesse período pandêmico, alguns sons e tantos outros ritmos e melodias, nas infinitas criações que amplificaram as escutas em muitas experiências educativas, como a criação de *podcasts*. Configurações sonoras apresentaram-se na escola e na cidade, assinalando outras maneiras de reverberar nossas práticas de criações e de resistências para além dos muros físicos das escolas. Dessa forma, criam-se distintas possibilidades entre uma tela e outra. Nesses muitos 'espaçostempos' educativos, as conversas foram nosso locus central na tessitura de 'conhecimentossignificações'⁷ com os cotidianos. Além de trazeremos experiências escolares das aulas remotas, com usos de ferramentas vistas como artefatos culturais, passou a ser possível 'verouvirsentirpensar' os currículos praticados nas escolas. Dialogamos neste texto com Certeau (2014), Alves (2018, 2019, 2020, 2021, 2022), Oliveira (2012), Pallasmaa (2011), entre outros. Logo, ficou evidente o entrelaçamento de múltiplos caminhos alternativos de artefatos de criação, divulgação e circulação científica necessários às práticas docentes contemporâneas.

PALAVRAS-CHAVE: Sons. Escola. Cidade. Criações. Conversas.

ABSTRACT

This work brings lessons learnt from the Covid-19 period, when we were in social isolation between 2020 and 2021. During this pandemic period, we (re)discovered some sounds and so many other rhythms and melodies, in the infinite creations that amplified listening in many educational experiences, such as the creation of podcasts. Sound configurations presented themselves at school and in the city, signalling other ways of reverberating our practices of creation and resistance beyond the physical walls of schools. In this way, different possibilities are created between one screen and another. In these many educational 'spaces-times', conversations were our locus central to the weaving of 'knowledge-significations' with everyday life. In addition to bringing back school experiences from remote classes, with the use of tools seen as cultural artefacts, it has become possible to 'see-listen-think' about the curricula practised in schools. In this text, we dialogue with Certeau (2014), Alves (2018, 2019, 2020, 2021, 2022), Oliveira (2012), Pallasmaa (2011), among others. Thus, the interweaving of multiple alternative paths of scientific creation, dissemination and circulation artefacts necessary for contemporary teaching practices became evident.

KEYWORDS: Sounds. School. City. Creations. Conversations.

RESUMEN

Este trabajo trae lecciones aprendidas del periodo Covid-19, cuando estuvimos en aislamiento social entre 2020 y 2021. Durante este período pandémico, (re)descubrimos algunos sonidos y tantos otros ritmos y melodías, en las infinitas creaciones que amplificaron la escucha en muchas experiencias educativas, como la creación de podcasts. Configuraciones sonoras se presentaron en la escuela y en la ciudad, señalando otras formas de reverberar nuestras prácticas de creación y resistencia más allá de los muros físicos de las escuelas. De este modo, se crean diferentes posibilidades entre una pantalla y otra. En estos múltiples "espacios-tiempo" educativos, las conversaciones fueron nuestro locus central para tejer "significados del conocimiento" con la vida cotidiana. Además de traer de vuelta experiencias escolares de clases remotas, con el uso de herramientas vistas como artefactos culturales, se ha vuelto posible 'ver-escuchar-pensar' sobre los currículos practicados en las escuelas. En este texto, dialogamos con

⁷ Em processos de pesquisa percebemos que a criação de conhecimentos – nos cotidianos e nas ciências – traz junto a necessidade de criação de significações sociais aos conhecimentos criados. Fazemos lembrar isso quando escrevemos 'conhecimentossignificações' indicando que precisamos estar atentos a essa criação simultânea.

Certeau (2014), Alves (2018, 2019, 2020, 2021, 2022), Oliveira (2012), Pallasmaa (2011), entre outros. Así, se hizo evidente el entrecruzamiento de múltiples caminos alternativos de artefactos de creación, difusión y circulación científica necesarios para las prácticas pedagógicas contemporáneas.

PALABRAS CLAVE: Sonidos. Escuela. Ciudad. Creaciones. Conversas.

GIRANDO AS CHAVES DA PORTA DE CASA E ABRINDO CAMINHOS

Mesmo quando nos deitamos e colocamos um dos braços próximos a nossa cabeça, ouvimos o som de nosso sangue circulando, antes de adormecer. O que primeiro nos acorda é sempre um som. Com os sons conhecemos o mundo e pensamos. Nossos trabalhos nos levaram a entender, no entanto, que pensamos com todos os nossos sentidos: imagens, sons, sabores, cheiros, tatos... nos levam, todos, a aprender, reconhecer e pensar” (Alves, Lima, Conceição & Malheiros, 2021, p. 168).

Desde o início da pandemia de Covid-19 em março de 2020, seguimos girando as chaves da porta de casa, caminhando, acendendo e apagando as luzes dos cômodos, deslizando nossos dedos dormentes para bloquear e desbloquear a tela do celular nos tantos cantos e encontros cotidianos. As afetações foram intensas e nossos corpos reagiram às escolhas que fizemos ao longo do caminhar. Algumas ações foram restringidas por quase dois anos. Como alternativa, abrimos caminhos para uma tecnologia virtual e que, constantemente, trouxeram possibilidades de existência através das redes sonoras. Os artefatos culturais, aqueles presentes nas minúcias cotidianas através dos *usos* (Certeau, 2014) dados por pessoas comuns, ligeiramente se transformam em artefatos curriculares e se convertendo em possibilidades curriculares para além dos padrões instituídos. Através de composições sonoras, engendradas nos sentidos que provocam, percebemos as *‘prácticasteorias’* de uso das artes (Alves, 2019) atravessando relações e modos de existir nas cidades e nas escolas, como *‘espaçostempos’* educativos.

Durante o período de isolamento social, vivenciamos outros ritmos e melodias. Novas configurações sonoras nos foram apresentadas com mais intensidade. O carro de som, que passava pelas ruas, pareceu ganhar destaque, assim como os latidos dos animais e os caminheiros dos vizinhos do andar de cima. Ouvíamos o despertar dos relógios para mais uma tarefa. Marcamos a cadência de uma música que cismava em tocar repetidamente nos mesmos horários. Os nossos sentidos foram capturados e transformados pelos sons, nos fazendo (re)encontrar com tantas outras possibilidades sonoras. Para Deleuze e Guattari,

os componentes vocais, sonoros, são muito importantes: um muro do som, em todo caso um muro do qual alguns tijolos são sonoros. Uma criança cantarola para arregimentar em si as forças do trabalho escolar a ser feito. Uma dona de casa cantarola, ou liga o rádio, ao mesmo tempo que erige as forças anti-caos de seus afazeres. Os aparelhos de rádio ou de TV são como um muro sonoro para cada lar, e

marcam territórios (o vizinho protesta quando está muito alto) (Deleuze e Guattari, 2012, p. 122).

Foram muitas as maneiras de reverberar as tantas criações, resistências e práticas semeadas por um período onde a partilha do sensível (Rancière, 2005) entrou nos lares, permitindo que a escola estivesse além de seus muros físicos e deixando, ainda, mais nítidos os modos de como deslocávamo-nos nos muitos *'dentrofora'* dos *'espaçostempos'* educativos. Nesses atravessamentos, encontramos as artes que andarilham e se aguçam por meio de memórias, mesmo que ainda tão presentes, trazidas sob distintas vibrações: o afeto, a conexão, a solidariedade, a coletividade na busca por entender os muitos modos que acessamos e somos acessados.

Novas maneiras de *'verouvirsentirpensar'* se alargaram, criando explosões de possibilidades entre uma tela e outra. Os sons da janela afora, das crianças correndo, das frigideiras fritando e das conversas nos corredores prenderam nossa atenção para aguçar as muitas dimensões sensoriais. Durante as aulas remotas, sem querer, ouvíamos as conversas alheias. Os responsáveis pelos alunos, de certa forma, participavam das aulas e, mesmo que de carona, aprendiam um pouco naquela aula que estava destinada à criança.

Os muitos sons nos cantos de casa criaram, inventaram, resistiram e (re)existiram de maneiras outras, seja através de modos individuais ou coletivos. Gestos ao compartilhar o celular ou computador, que num momento estava com um adulto para trabalhar e noutro com a criança nas aulas ou mesmo com o adulto para estudar, passaram a ser corriqueiros. Quantas de nós não nos desdobramos em docentes e discentes compartilhando da internet e dos artefatos tecnológicos, que nos levaram a criar uma linguagem própria? Assim, foram se configurando os tais dispositivos digitais em artefatos culturais e que, apropriados nos processos educativos, transformaram-se, também, em artefatos curriculares.

Percebemos nesses eventos como as pessoas, ao entrarem em processos desafiadores, são responsáveis por criar, ainda que as condições pareçam ser inimagináveis. Muitos suprimiram e compartilharam nas redes sociais suas carências e entristecimentos com atos e gestos sem afetividade e com indiferenças. As janelas das telas fundiram-se com as janelas de casas e apartamentos. Ora os sons reverberavam aos quatro ventos as toadas de liberdade, ora se desprendiam da noção convencional de *'espaçostempos'*, em *lives* e sinfonias diárias entre sons e vídeos *'vistosouvidos'* em muitos canais e podcasts. Assim, éramos invadidos pelo som da pamonha, do padeiro, do entregador de gás, dando forma sonora à cidade, às ruas e às vielas.

Este artigo pretende apresentar a escola e a cidade como *'espaçostempos'* sociais, atravessados por criações curriculares cotidianas, como modos de resistências, lutas e criações. Nesse viés, os estudos com os cotidianos, pensados e desenvolvidos por Michael de Certeau (2014), amplamente divulgado e estudado no Brasil pelas professoras e pesquisadoras Nilda Alves e

Regina Leite Garcia (1999; 2000), bem como pelos seus contemporâneos, aproximam as vivências dos *'docentesdiscentes'* para a compreensão das estruturas dos lugares das cidades que vivem permeados por suas dimensões éticas, estéticas, políticas e poéticas, bem como nas suas variadas dinâmicas sociais. A partir de tais vivências, são criados *'conhecimentossignificações'* acerca dos *'espaçostempos'* das cidade com “um modo de pensar e de agir que considere a espacialidade das coisas, nas coisas, nos fenômenos que vivenciam mais diretamente ou como parte da humanidade” (Cavalcanti, 2012, p. 48).

Nas pesquisas que desenvolvemos em nosso grupo, buscamos *'verouvirsentirpensar'* com as *'prácticasteorias'* criadas nas redes educativas que nos formam e nas quais nos formamos. Dessa forma, temos as conversas como lócus centrais nas pesquisas que realizamos. A conversa é, em nosso horizonte, um encontro, é onde tecemos nossos sentimentos, pensamentos compreendendo os acontecimentos que nos cercam no instante presente. Por isso, os estudos com os cotidianos fazem das conversas sua metodologia de pesquisa. Corroboramos com Alves e Ferraço, quando afirmam que “[...] as conversas são situações que insurgem nas redes de relações que estabelecemos com as pessoas em nosso dia a dia, sujeitas às indeterminações e aos acasos que fazem das nossas vidas uma permanente abertura diante do imprevisto” (Alves e Ferraço, 2018, p. 42).

Começamos essa conversa como um reencontro com os sons na pandemia, no qual, no auge da Covid-19, os *'espaçostempos'* das cidades e, principalmente, das escolas criaram ações no movimento de *'praticarpensar'* a educação, fazendo-se valer do uso de recursos que há muito estavam entre nós, mas que, por muitos motivos, foram relegados a uma subutilização na educação. Um deles é o uso do celular, um artefato tecnológico e cultural multimodal, que disponibiliza diferentes recursos ao lançar mão das redes tecnológicas que nos servem para a criação de sons e vídeos em diferentes plataformas. Na sequência, falaremos dos sons e das criações que nos rodeiam, sejam ruídos que aguçam nossos sentidos, sejam silêncios que nos parecem mais imperceptíveis, mas trazem a atenção necessária para as ausências. Independentemente da tela em que estamos, seja no modo presencial ou remoto, somos afetados de alguma forma, o que ainda ecoa na atualidade. Damos ênfase às experiências de usos digitais que se amplificaram a cada dia nas experiências escolares, em turmas do Ensino Fundamental, com uso de artefatos culturais, tais como aplicativos de interação de imagem e voz, como o *Google Meet*, *Zoom*, *Microsoft Teams*, *WhatsApp*, *Instagram*. E, a modo de consideração finais e convictas que não queremos concluir, salientamos a importância das múltiplas redes educativas que se formam, que nos formam, ensinam e aprendem a partir dos acontecimentos e fabulações da vida.

AS CONVERSAS E OS SONS: UM (RE)ENCONTRO NA PANDEMIA

O mundo vivia o caos da sua normalidade até ser surpreendido pela rápida contaminação da população por uma nova variante do Coronavírus, que é o causador da doença da Covid-19. Com uma velocidade de contágio pouco registrada no mundo, o vírus se espalhou por todo o planeta, ocasionando altas taxas de contágio que, como consequência, revelou o poder de letalidade do vírus. No afã de tentar conter a proliferação da doença, as autoridades mundiais, especialmente as responsáveis pela OMS (Organização Mundial da Saúde), elencaram inúmeras ações que vinham ao encontro de proteção da população. Dentre elas, ganhava destaque a restrição de contato das pessoas, com a implementação do distanciamento social e, como desdobramento desta ação, o confinamento da sociedade no espaço das suas casas.

A frenética circulação de pessoas e sua imensa manifestação sonora, paulatinamente, foi dando lugar ao gritante silêncio nos espaços das cidades. No entanto, a orquestra da vida que pulsa na sociedade fez surgir novas sinfonias nas ruas, nos becos e por todos os lugares confinados, principalmente no espaço da escola que, repentinamente, foi silenciada, e no espaço doméstico que, aos berros, reivindicou sua existência. Os sons e suas ausências modificam os cotidianos e, simultaneamente, foram transformados por elas (Malanski, 2018), levando-se em conta o fato de que “o mundo urbano não é homogêneo; há uma multiplicidade de atos, modos de vida, de relações” (Carlos, 2008, p. 20). É importante mencionar que pensamos com os sons e com a ausência deles, pelos silêncios. Os sons estão nos ‘*dentrofora*’ de nós, das casas, das escolas, afinando e desafinando o mundo.

No auge da Covid-19, os ‘*espaçostempos*’ das múltiplas redes que a formam e que nelas são formadas, principalmente as escolas, criaram ações no movimento de ‘*praticarpensar*’ na educação. Os sons ganharam outra dimensão, ultrapassaram as ondas das palavras faladas pela onipresença do docente e do livro didático. Passava-se a amplificar as sensações, sentimentos, percepções e pensamentos que nos atravessaram, por meio de artefatos tecnológicos, que se tornam artefatos culturais ao criarem e evidenciarem a potência de outras linguagens.

Os sons fazem parte dessa outra possibilidade de criação, tornando os artefatos tecnológicos e culturais em curriculares, por fazer uso de *podcasts*, narrativas sonoras, como metodologias de aprendizagem no ambiente escolar. Isso foi facilitado porque o isolamento físico deixou em evidência o valor de outros meios tecnológicos para os processos educacionais. A partir de tal movimento, começou a ser refletido sobre os ‘*usos*’ (Certeau, 2014) que fazemos das coisas, escapando da dicotomia entre o bom e o mau.

A pandemia nos mostrou que “na era da selfie, a descoberta de [...] outros sentidos para além da visão” (Alves *et al*, 2022, p. 3, grifo nossos) era mais que necessária para se

‘aprenderensinar’ em ‘espaçostempos’ tão singulares. Esses ‘espaçostempos’ descortinam, como sinaliza Alves, que

chegada à pandemia e tantos/tantas/tantes descobrindo que tínhamos que nos comunicar usando o que sabíamos pelas redes tecnológicas – WhatsApp, campeão, com Facebook sendo substituído com certa velocidade pelo Instagram, que era “melhor para as imagens” – selfs e imagens outras continuaram a aparecer, em acordo com os contextos nos quais passávamos a viver (Alves et al, 2022, p. 3)

É importante mencionar que, para o uso da grande maioria dos recursos digitais e de outras tecnologias no processo de ‘aprenderensinar’ *on-line*, é necessário ter acesso à internet para o desenvolvimento das atividades e experiências, de maneira síncrona ou assíncrona, transmitidas a esses contextos de aula. Isso implica uma política de democratização dos meios de comunicação, sobretudo, na grande rede. Ao mesmo tempo, nos faz perceber e reconhecer a potência das táticas dos ‘praticantespensantes’ (Oliveira, 2012) ao lidar com as adversidades para conseguir cumprir minimamente a demanda de seus processos de aprendizagem. Isso significa compartilhamento de dados, ir à casa de amigos e familiares para compartilhamento de *wi-fi*, usos de outros materiais e a criação de rede de apoio àqueles que estavam distantes dos acessos de redes de internet.

Dessa forma, nos encontramos numa arena diante da instabilidade e da imprevisibilidade, que fez com que rompêssemos com o medo das tecnologias digitais, reconhecendo-as como aliadas. Tal dinâmica permitiu potencializar outros métodos, outros gestos singulares que pudessem proporcionar a criação de ‘conhecimentossignificações’ nas aulas. Diante dessa nova realidade que expõe nossas fragilidades, ficou ainda mais nítido o abismo que se abriu entre a parcela da população que vive em regiões e moradias precarizadas e a outra parte que pode usufruir do conforto das suas residências nesse período de isolamento social.

Porém, não só os sons das cidades se modificaram, mas também os sons das escolas. Com os espaços do aprender fechados, as casas amplificaram as sonoridades desses novos ‘espaçostempos’ de ‘aprendizagensensinos’. Nos espaços de conexão, entre muitos sons, também se produziu muitos silêncios e, “no período pandêmico nos lembramos da possibilidade e da necessidade de uso dos sons nos processos curriculares e reaprendemos os seus usos” (Alves et al, 2022, p. 5). Nesses espaços acústicos potentes, as conversas são os sons que estavam e estão

se fazendo presentes, agudamente, nos cotidianos que vivíamos, os sons levaram a que buscássemos compreender – nós os pesquisadores/pesquisadoras - como contribuíamos na tessitura de ‘conhecimentossignificações’ e, também, como poderíamos gerar artefatos curriculares (Alves et al, 2022, p. 6).

Formamos um grande concerto nas cidades, mesmo quando sua maior sinfonia foi o silêncio. Informações, sensações, emoções, sentidos, que chegam e retornam das/às espacialidades nas

interações com os sujeitos, passaram a ser sentidos por todo o corpo. Mesmo sem nos darmos conta, os sons da vida cotidiana, das escolas, dos comércios, das praças, habitam em nós, ao mesmo tempo em que somos nós quem os produzimos. Sons que reverberam nossas memórias, que são criações do presente e que, no futuro, ecoarão projeções. O arquiteto finlandês Juhani Pallasmaa nos lembra que

Qualquer pessoa que já acordou com som de um trem ou uma ambulância em uma cidade noturna e que nos sonhos experimentou o espaço da cidade e seus incontáveis habitantes espalhados dentro de seus prédios conhece o poder do som sobre a imaginação. e, o som noturno é uma lembrança da solidão e mortalidade humana e nos torna assim de toda uma cidade Adormecida. Qualquer um que já ficou encantado com o som de uma goteira na escuridão de uma ruína pode confirmar a capacidade extraordinária do ouvido de imaginar um volume côncavo, no vazio da escuridão. O espaço analisado pelo ouvido se torna uma cavidade esculpida diretamente no interior da mente (Pallasmaa, 2011, p.47).

As experiências nas cidades com seus sons propõem que, na grande maioria dos cenários cotidianos, esses ‘*espaçostempos*’ criem oportunidades para ‘*praticarpensar*’ a educação e a circulação científica, com a escuta aguçada dos sentidos na perspectiva ética, estética e política, na medida em que “o som incorpora” (Pallasmaa, 2011, p. 46). Não podemos nos furtar de ressaltar que a pandemia suprimiu, repentinamente, dos sujeitos urbanos os modos de circular pela cidade. Cavalcanti afirma que é “direito do cidadão de viver na cidade” (2008, p. 93). Com a pandemia, se fez necessário criar outros modos de viver esses ‘*espaçostempos*’ da cidade. Percebemos, com isso, que encontramos outras maneiras de dar ouvidos às “vozes diversas”, que experienciaram o atalho entre o isolamento e a necessidade de sair às ruas, uma vez que o “som faz os olhos se lembrarem” (Pallasmaa, 2011, p. 51).

Foram criados e expandidos outros modos de criação de conteúdos em áudio que podem ser acessados em diversos dispositivos e plataformas de *streaming*, e que ficam disponíveis para serem ‘*ouvidossentidospensados*’ conforme a demanda. Os *podcasts*, que possuem temáticas e produções variadas, contribuem para a circulação científica e dos ‘*saberesfazeres*’ que se movimentam pelas tantas redes educativas que formamos e que nos formam, nos mostrando ser um excelente artefato cultural de resistência, formação e valorização docente.

Os sentimentos de mundo que nos convidaram à reflexão acerca do som, da possibilidade de comunicação humana, dos artefatos que nos fizeram seguir produzindo ‘*conhecimentossignificações*’. Em tempos de importantes desafios, nos mostraram também a capacidade humana de se renovar, de criar e de compreender suas afetações e suas responsabilidades na criação de outros possíveis.

A circulação de ‘*conhecimentossignificações*’ por meio dos *podcasts* se dá de maneira bastante democrática e acessível, já que pode ser ouvida gratuitamente, no computador ou no celular, a qualquer momento (Alves et al, 2022). Os sons nos ‘*espaçostempos*’, que um dia também foram

atravessados por tempos pandêmicos, nos fazem acessar a experiência da escuta e da valorização dos outros sentidos, que escapam da hegemonia do olhar e que fazem igualmente parte dos cotidianos (Alves, 2019), nos espaços praticados (Certeau, 2014) pelos cidadãos.

OUTRAS MANEIRAS DE ‘VEROUIRSENTIRPENSAR’ OS SONS E AS CRIAÇÕES COTIDIANAS

Em “Ouvido Pensante” (1991), um dos livros do compositor, educador e pesquisador Murray Schafe, ganha destaque a abertura atenta a tudo que estiver vibrando. Em consonância ao que é abordado pelo canadense, relembramos que, ao “[...] abrir os sentidos que nos ligam aos sons, imagens, narrativas, sabores, os cheiros, ao tato, ao contato direto com as coisas, somos propiciados, na verdade, com uma abertura à multiplicidade de modos de *‘verouirsentirpensar’*” (Alves, Caldas, Chagas e Mendonça, 2020, p. 237).

Os ruídos que nos rodeiam têm aguçado nossos sentidos, assim como os silêncios, que, ainda que nos pareçam mais imperceptíveis, acabam nos trazendo a atenção necessária para as ausências e para os excessos. Estamos aprendendo a *‘verouirsentirpensar’* por outras sintonias e modulações, com outros acordes e vibratos. Nos conectamos com diversas redes e *‘espaçostempos’* que se misturam e deslizam pelas brechas disciplinares e normativas. Com os recursos das tecnologias à nossa frente, potencializamos ainda mais os novos agenciamentos e formas de existir e resistir em meio às transformações imediatas e em série que vêm mudando completamente as práticas *‘docentesdiscentes’*. Diante de tantos desafios, desencontros e informações divergentes, vivenciamos outras maneiras, diferentes daquelas, até então habituais, de *‘fazerpensar’* currículos.

O que salta das emoções, para nós professoras, é que a hora é agora. Com o retorno da presença física, do estar junto e olhar nos olhos podendo tocar, sentir e ouvir as vozes limpas dos ruídos das telas, conseguimos parar e *‘verouirsentirpensar’* o que passamos. Passamos, portanto, a entender melhor a grandeza do que vivemos, produzimos, sentimos e oportunizamos. A cibercultura intermediou muitos canais criativos que tornaram professores e pessoas comuns em atores de suas produções. Sempre em movimentos e em articulação com as diversas redes educativas, os artefatos produzidos nas telas, seja através de aplicativos, plataformas, programas, jogos, redes sociais, entre outros, ampliaram-se para novas formas de pesquisar e entrelaçar escola e universidade.

Essa infinidade de usos digitais se amplificam a cada dia, principalmente, nos aplicativos de interação de imagem e voz, como *Google Meet*, *Zoom*, *Microsoft Teams*, *WhatsApp*, *Instagram*, entre outros. Assim, novas ferramentas vêm sendo incorporadas constantemente pelas plataformas para suprir o aumento substantivo de seus usos, seja para atender às demandas

(*bugs*, atualizações) relatadas pelos usuários, seja para incorporar mecanismos de maior interação entre os indivíduos.

Nas aulas remotas, os usos dessas ferramentas, aqui vistos como artefatos culturais, possibilitaram novas possibilidades de ‘*verouvirsentirpensar*’ os currículos praticados nas escolas. Os *podcasts*, por exemplo, são um dos muitos artefatos digitais que expandem o potencial acessível à informação e comunicação em diversos meios e plataformas, como *Spotify*, *Deezer* e outros meios de *streaming*.

É importante pensar que estamos em 2023 e que, há dois anos, não era comum que estudantes de diferentes idades e nas mais variadas modalidades de ensino, lançassem mão dos celulares para criar um *podcast* como atividade escolar. Tampouco era usual criar “narrativas ficcionais”, expressão cunhada por Leonardo Nolasco (2021), em uma de suas aulas, em cursos de Pedagogia, como gestos de trazer as conversas com os cotidianos, como acontecimentos curriculares dos ‘*praticantespensantes*’ na formação de professoras.

Os *podcasts* tornam-se mais um artefato de criação, divulgação e circulação científica e de ‘*conhecimentossignificações*’ necessários às práticas docentes contemporâneas. A velocidade com a qual as produções sonoras dentro do mundo acadêmico se movimentam tornam evidente a importância de sua “circulação científica” (Caldas, 2010; 2015), uma vez que, além de estreitar as relações entre universidade e escola, viabiliza o acesso de discentes e docentes em outros conteúdos e plataformas mais leves, que demandam menos tráfego de dados e qualidade de internet (Alves, 2021).

As experiências adquiridas no isolamento social vivido em tempos do auge da pandemia trouxeram desafios também para os muitos grupos de pesquisas. O grupo de pesquisa do qual nós, autoras deste texto, fazemos parte, o “GrPesq Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons”, percebe, especialmente a partir da pesquisa de doutoramento de Fernanda Cavalcanti de Mello (2023) – entusiasta do *podcast* na educação –, a importância de lançar mão da linguagem dos *podcasts* para trazer para a discussão questões que envolvem o campo da Educação. Busca-se, pois, disponibilizar os ‘*fazeressaberes*’ da docência e da pesquisa com os cotidianos por meio dessa linguagem como artefatos culturais, fazendo circular ‘*conhecimentossignificações*’ científicas. Implicados nesse movimento, foi criado em 2020 o *podcast* “Cotidianos e Currículos”⁸ como mais um ‘*fazersaber*’ que movimenta os tantos ‘*espaçostempos*’ virtuais ‘*dentrofora*’ das escolas nas diferentes e múltiplas redes educativas. É a partir dessas criações sonoras com séries, entrevistas e conversas entre pesquisadores, ‘*docentesdiscentes*’, profissionais da educação que ‘*vemosouvimosentimospensamos*’

⁸ Disponível em <https://open.spotify.com/show/7dSrD9L0b9vVf0LMrRdI7h?si=a70882eee0e546e8>

complexos processos de criação de ‘*conhecimentossignificações*’ (Alves, Ovelha e Mello, 2021, p. 03) para além da hegemonia dos textos escritos.

Buscando enfrentar a hegemonia dos textos escritos, quando experimentamos um “novo normal” ao retornarmos às aulas presenciais, nos colocamos com os muitos sentimentos do proporcionado pelos inúmeros ‘*aprendizadosensinamentos*’ aprendidos e apreendidos em tempos de isolamento social imposto pela pandemia da Covid-19.

O retorno às salas de aula num movimento chamado de um novo normal, se deu de maneira distinta nas muitas redes de ensino que formam o sistema educacional do nosso país. Dito isso, esse momento tão esperado de retorno aos espaços das escolas chegou para os alunos de boa parte das escolas da cidade do Rio de Janeiro, ainda no ano de 2020. No intuito de seguir fazendo ‘uso’ dos artefatos tecnológicos transformados em artefatos curriculares no movimento de desenvolver ‘*conhecimentossignificações*’ durante as aulas remotas, as professoras de literatura Vanessa Camasmie e Inês Sá realizaram, com uma turma de 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, por meio da Rádio Literária: *Hora da literatura*⁹, um programa de leitura criado para as turmas no formato de *podcast*. A ideia inicial da atividade tinha como principal ação a contação de histórias antigas para as crianças. As histórias contadas foram “As mil e uma noites”, “Robinson Crusoe: a aventura de um naufrago numa ilha deserta” e “Peter Pan”. Muitas atividades foram criadas a partir das histórias contadas nos episódios do *podcast*. A popularidade da contação de histórias no *podcast* na escola foi tamanha que as professoras criaram outros programas de *podcasts* como a hora do ouvinte, nos quais as crianças comentavam acerca da história¹⁰; o bate-papo literário, que recebeu professores de diferentes áreas da escola e escritores¹¹ e trouxeram a proposta do *Padlet*, um mural virtual para destacar as principais curiosidades e observações que os ouvintes tiveram da história.

⁹ Disponível em <https://open.spotify.com/show/0CuYVw1LbqSJB0GHGMuvWf?si=d3153d29aee14429>

¹⁰ Disponível em <https://podcasters.spotify.com/pod/show/vanessa-camasmie/episodes/Episdio-34---A-Hora-do-Ouvinte-Letcia-turma-104-en6b97/a-a3et4s1>

¹¹ Disponível em <https://podcasters.spotify.com/pod/show/rdio-literria>



Imagem 1. Padlet Peter Pan

Fonte: projeto da equipe de Literatura do Colégio Pedro II, campus Humaitá I (2020)

<http://www.cp2.g12.br/blog/humaita1/2020/11/24/1o-ano-bom-dia-boa-tarde-boa-noite-comunidade-do-campus-humaita-i/>

As histórias escolhidas e contadas pelas professoras nos episódios de *podcast* eram disponibilizadas semanalmente na sala de aula das turmas na plataforma *Google Classroom* e tinha como proposição inicial um início de conversa. A cada nova história que era contada, novas descobertas e reações eram despertadas. Os estudantes se manifestavam de muitas maneiras, expressando indignação, espanto e curiosidades. Todos esses sentimentos eram registrados no *Padlet*, de forma *online*. Tal recurso assume função análoga à do mural que muitas escolas têm na sua área comum de convivência. Por meio desse artefato, os estudantes expunham suas opiniões e críticas acerca da obra. E, assim, outra conversa então se iniciava, mas agora com a participação efetiva dos estudantes na criação do que eles nomearam como a “hora do ouvinte”.

Vale ressaltar que o *podcast*, como artefato curricular, nasceu nesse projeto como mais um alternativa de integração entre os estudantes, sem que eles utilizassem uma alta quantidade de dados de internet. Com isso, por mais que alguns alunos do colégio tivessem sido beneficiados com uma pequena ajuda estudantil para a compra de aparelhos eletrônicos e de pacote de internet, esse recurso se tornou rapidamente escasso devido ao prolongamento do período remoto e, conseqüentemente, com o aumento gradativo da carga horária semanal de aulas.

No início do período pandêmico, no ano de 2020, logo quando foram instauradas as aulas remotas, os usos da internet e dos aparelhos eletrônicos, como *tablet*, celulares ou

computadores, eram restritamente utilizados para o *download* e envio de arquivos pequenos (geralmente em *Word* ou PDF), seja por parte dos estudantes, seja dos professores. Assim, a escassez de recursos digitais e tecnológicos passou a fazer parte da vida do alunado de escolas públicas no Rio de Janeiro. A alternativa foi a apropriação de outros artefatos por parte de gestores e professores, na tentativa de viabilizar conteúdos mais leves e acessíveis, que pudessem chegar até a casa da maioria dos estudantes.



Imagem 2. Padlet Robinson Crusoe

Fonte: Projeto criado pela equipe de Literatura do Colégio Pedro II, campus Humaitá I (2020)
<http://www.cp2.g12.br/blog/humaita1/2020/11/30/2o-ano-sintonizados-na-frequencia-poetica-da-radio-literaria/>

Em outra ocasião, no retorno às aulas presenciais de uma escola pública carioca, passou a ganhar evidência e estímulo o reconhecimento das sonoridades da escola, muito presentes nos cotidianos, presenciadas no recreio, no lanche e em muitos momentos, como nos burburinhos das salas vizinhas. Outros sons, não tão familiares assim, foram despertando a curiosidade e a atenção dos alunos. Esses novos estímulos vinham de instrumentos indígenas que movimentaram uma das aulas de artes, despertando curiosidades e estranhamentos propagados pelos apitos e maracás. Durante a aula, na medida em que foram explorando, conhecendo e sentindo o peso e as texturas dos objetos, os sons começaram a se assentar em muitos ritmos, tornando-se mais agradáveis e mais cadenciados.



Imagem 3. Instrumentos indígenas

Fonte: Acervo pessoal. Autora Talita Malheiros, ano 2022.

Conforme nos indica Deleuze e Guattari (2012, p. 126),

o ritmo nunca tem o mesmo plano que o ritmado. É que a ação se faz num meio, enquanto o ritmo se coloca entre dois meios, dois entre-meios, como entre duas águas, entre duas horas, entre lobo e cão, *twilight* ou *zweilicht*, Heceidade. Mudar de meio, reproduzindo com energia, é o ritmo. Aterrissar, amerissar, alçar voo (...). Por aí, saímos facilmente de uma aporia que corria o risco de trazer a medida de volta para o ritmo, apesar de todas as declarações de intenção: com efeito, como podemos proclamar a desigualdade constituinte do ritmo, quando ao mesmo tempo nos entregamos a vibrações subentendidas, repetições periódicas dos componentes?

Não eram sons familiares para muitas daquelas crianças. Mas que, de alguma forma, habitavam algumas de suas memórias e origens. Entre o desconforto e a admiração por aqueles instrumentos e ritmos, estavam o encantamento, a admiração e a ação de se fazer agente de tais produções. As salas de aulas ganharam uma nova sonoridade, que se espalhou pelos corredores da escola como um convite à escuta atenta e curiosa. Nos debruçamos naquela mistura de ruídos, ritmos, sorrisos e energia das crianças para posteriormente criar com as artes e com os artefatos culturais apresentados.

BIFURCAR CAMINHOS...

Vivemos *'aprendendoensinando'*, formando e sendo formados por muitas redes educativas. Os acessos aos muitos sons que nos cercam, e que pela hegemonia da visão, ficaram relegados, nos ajudaram também a ouvir o silêncio que gritava em tempos tão duros como os vividos na

pandemia. Uma das muitas ‘*aprendizagens ensinamentos*’ desses tempos foi a possibilidade de perceber a essência dos silêncios e dos sons. Durante esses ‘*espaçostempos*’ pandêmicos – e depois deles, também –, criamos ‘*conhecimentos significações*’ a partir dos muitos sons dos *podcasts* que produzimos para atravessar as distâncias do isolamento social e seguir caminhando no movimento fio a fio, formando redes com os sons das músicas, dos ruídos, dos silêncios e das conversas.

A criação dos *podcasts* como artefatos curriculares nos trouxe possibilidades outras de mundo e muitas abordagens curriculares necessárias que nos atravessam de distintas maneiras, como no movimento do lugar de encontro, de pesquisa, de afeto, de trocas de ‘*saberes fazeres*’. Na tessitura do ‘*aprender ensinar*’ os ambientes do mundo, com suas histórias e contextos, acompanham as diversas redes educativas entendendo a cada ponto que “os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si” (Certeau, 2014, p. 188). Evidenciamos o quanto as escolas se fazem enquanto ‘*espaçostempos*’ educativos nas cidades. Cada cidade é porto, parada e viagem para a vida de grande parte das sociedades. Faz-se, portanto, como fruto e produto da criação dos sujeitos, habitantes não lineares, em múltiplas relações sociais. A cidade é espelho e é reflexo, pois é nessa dinâmica que “aparece aos nossos olhos – no plano do imediato, do diretamente perceptível, como concreto diretamente visível e percebido” (Carlos, 2008, p. 11).

Ironicamente, a pandemia nos evidenciou outros caminhos possíveis, vivências singulares e coletivas, por meio das tecnologias e mídias digitais. Foi um acontecimento que em, nossos cotidianos, nos fez compreender como as tecnologias tornam-se artefatos culturais, por se tornarem linguagem e como esses, ao serem usados nos cotidianos escolares, adquirem a propriedade de artefatos curriculares. Na era pós-mídia (Guattari, 1990), a internet rompe os limites de ‘*espaçostempos*’ e, ainda que haja o abismo social, também estreitou mundos e democratizou a informação e conhecimento. Com isso, os encontros *online* são uma realidade para inúmeras atividades como estudos, grupos de pesquisas, festas, concertos, músicas, passeios por lugares, museus, peças de teatro, danças, entre outros. Os sons, que há muito não eram percebidos ou foram borrados, (re)apareceram e inundaram nossos lares durante as aulas remotas e passaram a habitar nossos lares, escolas e cidades. Aos poucos, fomos criando um outro modo de (re)existir que, em sua rotina, se banaliza e se normaliza. No entanto, como a vida é movimento, continuamos experimentando os muitos sons a partir de práticas cotidianas nos ‘*espaçostempos*’ das escolas e das cidades.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina L(Org) *O Sentido da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999, p. 91-100.

ALVES, Nilda. *A invenção da escola a cada dia*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

ALVES, Nilda. Sobre as redes educativas que formamos e que nos formam. In Alves, Nilda. *Práticas pedagógicas em imagens e narrativas – memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje*. S. Paulo: Cortez, 2019: 115 – 133.

ALVES, Nilda; OVELHA, Izadora Agueda; MELLO, Fernanda. Pesquisas na pandemia e os artefatos da ciberultura. *Revista Espaço do Currículo (online)*, v. 14, ESPECIAL, p. 01-10, DEZEMBRO, 2021.

ALVES, Nilda; CALDAS, Alessandra Nunes; CHAGAS, Claudia; MENDONÇA, Rosa. Imagens, sons e narrativas: criar conhecimentos e formar docentes. *Educação em Foco*, Juiz de Fora, v. 25, n. 2, p. 223-246, jan./abr. 2020.

ALVES, Nilda; LIMA, Júlia da S.; CONCEIÇÃO, Rafaela R.; GREGORIO, Talita M. SÓ AS ARTES NOS SALVAM!!!! – as tantas crianças que há em nós. *Revista Digital do LAV*, Santa Maria, v. 14, n. 2, p. 158-172, maio/ago. 2021.

ALVES, Nilda; CALDAS, Alessandra Nunes; MELLO, Fernanda Cavalcanti de; OVELHA, Izadora Agueda. A REDESCOBERTA DOS SONS - questão curricular atual. *Revista Espaço do Currículo*, v. 15, n. 3, p. 1-10, 2022.

ALVES, Nilda; FERRAÇO, Carlos Eduardo. Conversas em redes e pesquisas com os cotidianos: a força das multiplicidades, acasos, encontros, experiências e amizades. In: SAMPAIO, Carmen S.; RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de (Orgs.). *Conversa como metodologia de pesquisa – Por que não?* Rio de Janeiro: Ayu, 2018.

CALDAS, Alessandra da Costa Barbosa Nunes. *Circulação de ideias em pesquisas com os cotidianos: os necessários contatos entre os 'praticantes-pensantes' de currículos*. Rio de Janeiro: ProPEd/UERJ, 2015 (tese de doutorado).

CALDAS, Alessandra da Costa Barbosa Nunes. *Redes de Conhecimento e significações e a divulgação científica em educação – o caso do Jornal Eletrônico Educação & Imagem*. Rio de Janeiro: ProPEd/UERJ, 2010 (dissertação de mestrado).

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Labur Edições, 2008.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana*. Campinas: Papirus. 2008.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *O ensino de geografia na escola*. Campinas: Papirus. 2012.

CERTEAU, Michel de. *Práticas de Espaço. Caminhadas pela Cidade*. In: *A Invenção do Cotidiano. Artes de Fazer*. 16ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, v. 5. São Paulo: Ed. 34, 2012. p. 115-118.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas: Papyrus, 1990.

MALANSKI, Lawrence Mayer. Os sons do cotidiano: interpretação geográfica das sonoridades do Calçadão de Londrina, Paraná. *Geograficidade*, v. 8, Número Especial, Primavera 2018.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Currículos e pesquisas com os cotidianos: o caráter emancipatório dos currículos 'pensados/praticados' pelos 'praticantes/pensantes' dos cotidianos das escolas. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo; CARVALHO, Janete Magalhães (Orgs.). *Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades*. Petrópolis: DP et al., 2012. p. 47-70.

PALLASMAA, Juhani. *Os olhos da pele – a arquitetura e os sentidos*. Porto Alegre: Bookman, 2011.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução: Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO Experimental / Editora 34, 2005.

SCHAFER, Murray. *O ouvido pensante*. São Paulo, Editora Unesp, 1991.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.